





LIVRO DO
DESASSOSSEGO

FERNANDO PESSOA



EDIÇÃO DE
JERÓNIMO PIZARRO

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
MMXIII

ÍNDICE

Apresentação · 9

LIVRO DO DESASSOSSEGO

Primeira Fase · 31

Segunda Fase · 221

ANEXOS

I. Documentos que não se encontram na BNP · 523

II. Documentos com a indicação inicial «L. do D. (?)» · 525

III. Duas notas · 527

IV. Ficções do Interlúdio · 528

Notas · 533

Bibliografia · 596

Índice dos textos · 599

Notas biográficas · 607

© Jerónimo Pizarro, 2013

Título: *Livro do Desassossego*

Autor: Fernando Pessoa

Edição: Tinta-da-china

Capa e projeto gráfico: Tinta-da-china

www.tintadachina.pt

Todos os direitos
desta edição reservados à
Tinta-da-china

Rua Francisco Ferrer, n.º 6-A
1500-461 Lisboa

Tels.: 21 726 90 28/9

E-mail: info@tintadachina.pt
infobrasil@tintadachina.pt

1.ª edição: Outubro de 2013

ISBN 978-989-671-180-1

DEPÓSITO LEGAL n.º 364707/13

APRESENTAÇÃO

POR JERÓNIMO PIZARRO

No trecho que começa com «Remoinhos, redemoinhos, na futilidade fluida da vida!» (246), assistimos à construção de uma «imagem aquea» de poças, riachos e ribeiros, a partir da visão da gente que passa pela «grande praça ao centro da cidade [de Lisboa]» como «agua sobriamente multicolor». Para o narrador essa «imagem aquea» da multidão que se derrama na «grande praça» — e «porque pensei que viria chuva», acrescenta — ajusta-se bem «a este incerto movimentos», isto é, à sensação do fluxo e refluxo da vida. «Movimentos» no plural? Sim, por isso explica:

Ao escrever esta ultima phrase, que para mim exactamente diz o que define, pensei que seria util pôr no fim do meu livro, quando o publicar, abaixo das “Errata” umas “Não-Errata”, e dizer: a phrase “a este incerto movimentos”, na pagina tal, é assim mesmo, com as vozes adjectivas no singular e o substantivo no plural. (246)

Pessoa não chegou a elaborar essas «Não-Errata», mas se o tivesse feito perceberíamos com mais facilidade até que ponto o *Livro do Desassossego* está cheio dessas frases que provocam estranheza — e não apenas por causa da concordância gramatical — e em que medida a prosa musical e devaneante do *Livro* foi possível graças à consciência linguística do seu autor. Neste texto não pretendo defender que a grandeza do *Livro do Desassossego* reside num certo número de frases menos ortodoxas, nem que elas aumentam necessariamente o valor de alguns trechos («alguns serão da mais bela e mais penetrante prosa da língua portuguesa», disse Jorge de Sena, 1979, p. 39), mas sim que o

projecto das «Não-Errata» revela um alto sentido da linguagem e que a prosa do *Livro* merece estudo, porque é ela que define a obra e caracteriza o seu autor. Se Flaubert disse «Madame Bovary, c'est moi», Pessoa, semidespersonalizado ou não em Bernardo Soares, declarou: «Sou, em grande parte, a mesma prosa que escrevo» (322). Além disso, qualquer reflexão sobre o texto do *Livro* — mais a mais uma orientada pelo plano e pelo conceito das «Não-Errata» — comporta uma meditação sobre o trabalho dos editores da obra, uma vez que estes, para além de estabelecerem um texto, muitas vezes vão ao ponto de emendá-lo.

*

No mesmo dia (25-4-1930) em que escreveu a expressão «a este incerto movimentos», Pessoa compôs ainda um outro passo não menos desconcertante:

Do lado oriental da praça ha mais forasteiros que do outro.
Como descargas alcatifadas, as portas onduladas descem para cima; não sei porquê, é assim a phrase que me transmite aquelle som. É talvez porque fazem mais esse som ao descer, porém agora sobem. Tudo se explica. (246)

Note-se que as portas (das janelas?) não só descem para o alto, desafiando a lógica — e Pessoa acrescenta a lápis uma explicação: «É talvez porque fazem mais esse som ao descer» —, como são «onduladas», adjectivo tão imprevisível como «alcatifadas», com o qual rima. As frases do *Livro do Desassossego* procuram cingir e transmitir múltiplas sensações, numa prosa muitas vezes ritmada e cadenciada que estabelece um claro compromisso com a poesia. Recordemos a poética do *Livro*, expressa num apontamento contemporâneo (circa 23-3-1930): «A sensibilidade de

Mallarmé dentro do estylo de Vieira; sonhar como Verlaine no corpo de Horacio; ser Homero ao luar» (230). Refira-se também o primeiro dos cinco textos do *Livro do Desassossego*, «composto por Bernardo Soares», que Pessoa publicou na revista *Descobrimento* em 1931, e que começa da seguinte maneira:

Prefiro a prosa ao verso, como modo de arte, por duas razões, das quais a primeira, que é minha, é que não tenho escolha, pois sou incapaz de escrever em verso. A segunda, porém, é de todos, e não é — creio bem — uma sombra ou disfarce da primeira. Vale pois a pena que eu a esfie, porque toca no sentido íntimo de tódá a valia da arte.

Considero o verso como uma coisa intermédia, uma passagem da música para a prosa. Como a música, o verso é limitado por leis rítmicas, que, ainda que não sejam as leis rígidas do verso regular, existem todavia como resguardos, coacções, dispositivos automáticos de opressão e castigo. Na prosa falamos livres. Podemos incluir ritmos musicais, e contudo pensar. Podemos incluir ritmos poéticos, e contudo estar fóra dëlles. Um ritmo ocasional de verso não estorva a prosa; um ritmo ocasional de prosa faz tropeçar o verso.

Na prosa se engloba tódá a arte — em parte porque na palavra se contém todo o mundo, em parte porque na palavra livre se contém tódá a possibilidade de o dizer e pensar. (331)

Esta polémica contínua foi mantida por Ricardo Reis e Álvaro de Campos noutros escritos que Pessoa não chegou a publicar e que se editaram postumamente em *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação* (1966) e em *Pessoa por Conhecer* (1990). Sem querer tomar parte da polémica, que o *Livro do Desassossego* alarga e complexifica, interessa-me destacar que para Pessoa/Soares a prosa personifica um acto de libertação: «Na prosa falamos livres»;

«na palavra livre se contém tôda a possibilidade de o dizer e pensar [o mundo]». Essa liberdade, real ou aparente, é a que o *Livro* procura estender ao máximo. Num texto contemporâneo do acima citado, o autor responde de maneira pungente à pergunta «Que me pesa que ninguém leia o que escrevo?»: «Escrevo-me», diz, utilizando a forma reflexa e mais invulgar do verbo escrever, «para me distrahir de viver» (378). Mas como escreve? Em que prosa se distrai?

*

Tendo-me referido «ao autor» do *Livro do Desassossego*, considero que a questão da autoria da obra carece aqui de esclarecimento. Em última análise, o autor será o próprio Pessoa e assim deve, a meu ver, ser arrogado. Só que existe um autor interno ao *Livro*, que primeiro foi o próprio Pessoa ou uma das suas figurações ortónimas, depois Vicente Guedes, num primeiro acto de despersonalização, de seguida outra vez Pessoa, mais tarde Bernardo Soares, num segundo acto de despersonalização, e finalmente, ao que parece, outra vez Pessoa. Digo *ao que parece*, porque sempre que encontramos no espólio pessoano textos sem indicação de autoria fictícia e não assinados tendemos — se a letra é a do autor «real» — a atribuir esses textos a Pessoa. Cartas, esquemas, listas de projectos e diversos tipos de notas ajudam, por vezes, a atribuir a uma figura «de sonho» textos sem indicação de autor e sem assinatura, mas na ausência desses elementos externos tendemos a considerar que um texto manuscrito ou dactilografado por Pessoa é do próprio. No caso do *Livro do Desassossego* nenhum fragmento está assinado por Guedes ou por Soares, embora os seus nomes figurem em vários outros lugares, como em planos da obra, em listas de projectos que incluem o *Livro* e no cabeçalho de alguns trechos. Isto permite afirmar que Guedes é

uma figura passageira dos prefácios de 1915-1917, quando o *Livro* era mais um diário pós-simbolista do que um conjunto de apontamentos de índole íntima e filosófica; e que Soares é uma figura tardia da fase mais produtiva da obra, em torno de 1930, quando Pessoa já não sabia se devia incluir ou excluir muitos fragmentos antigos, e nomeadamente «Grandes Trechos» como «Marcha Funebre para o Rei Luiz Segundo da Baviera» e «Symphonia de Uma Noite Inquieta». De facto, numa nota da altura escreve:

A organização do livro deve basear-se numa escolha, rigida quanto possível, dos trechos variadamente existentes, adaptando, porém, os mais antigos, que falhem à psychologia de B[ernardo] S[oaies], tal como agora surge, a essa vera psychologia. Àparte isso, ha que fazer uma revisão geral do proprio estylo, sem que elle perca, na expressão intima, o devaneio e o desconnexo logico que o caracterizam. (Anexo 7)

Lúcido, como é seu costume, Pessoa compreende que a construção de um autor depende, em parte, da invenção de uma psicologia e de um estilo — como Foucault teorizará mais tarde —, o que não impede que exista um Caeiro são e um Caeiro doente, ou um primeiro e um segundo Wittgenstein. Ora, infelizmente Pessoa não chegou a adaptar os trechos mais antigos à psicologia de Soares, nem fez (talvez tivesse apenas começado) «uma revisão geral do proprio estylo».

O que é então o *Desassossego*? A meu ver, é uma obra em que há pelo menos três autores à procura de um livro — como as seis personagens que procuram autor na peça de Pirandello —; uma obra a que faltam (e tal não é necessariamente um demérito) uma unidade psicológica e um universo estilístico fechado. O *Livro* é um *work in progress* tão inaudito como as maiores obras de James Joyce, nomeadamente se as considerarmos sob uma

LIVRO DO DESASSOSSEGO

{ PRIMEIRA FASE }

Ha em Lisboa um pequeno numero de restaurantes ou casas de pasto [em] que, sobre uma loja com feitio de taberna decente se ergue uma sobreloja com uma feição pesada e caseira de restaurante de villa sem comboios. Nessas sobrelojas, salvo ao domingo pouco frequentadas, é frequente encontrarem-se typos curiosos, caras sem interesse, uma série de apartes na vida.

O desejo de socego e a conveniencia de preços levaram-me, em um periodo da minha vida, a ser frequente em uma sobreloja d'essas. Succedia que, quando calhava jantar pelas sete horas, quasi sempre encontrava um individuo cujo aspecto, não me interessando a principio, pouco a pouco passou a interessar-me.

Era um homem que apparentava trinta anos, magro, mais alto que baixo, curvado exaggeradamente quando sentado, mas menos quando de pé, vestido com um certo desleixo não inteiramente desleixado. Na face pallida e sem interesse de feições um ar de soffrimento não accrescentava interesse, e era difficil definir que especie de soffrimento esse ar indicava — parecia indicar varios, privações, angustias, e aquelle soffrimento que nasce da indifferença que provem de ter soffrido muito.

Jantava sempre pouco, e acabava fumando tabaco de onça. Reparava extraordinariamente para as pessoas que estavam, não suspeitosamente, mas com um interesse especial; mas não as observava como que perscrutando-as, mas como que interessando-se por ellas sem querer fixar-lhes as feições ou

detalhar-lhes as manifestações de feito. Foi esse traço curioso que primeiro me deu interesse por elle.

Passei a vel-o melhor. Verifiquei que um certo ar de intelligencia animava de certo modo incerto as suas feições. Mas o abatimento, a estagnação da angustia fria, cobria tão regularmente o seu aspecto que era difficil descortinar outro traço além d'esse.

Soube incidentalmente, por um creado do restaurante, que era empregado de commercio, numa casa alli perto.

Um dia houve um acontecimento na rua, por baixo das janellas — uma scena de pugilato entre dois individuos. Os que estavam na sobreloja correram ás janellas, e eu tambem, e tambem o individuo de quem fallo. Troquei com elle uma phrase casual, e elle respondeu no mesmo tom. A sua voz era baça e tremula, como as das creaturas que não esperam nada, porque é perfeitamente inutil esperar. Mas era porventura absurdo dar esse relevo ao meu collega vespertino de restaurante.

Não sei porquê, passámos a cumprimentarmo-nos desde esse dia. Um dia qualquer, que nos approximara talvez a circumstancia absurda de coincidir virmos ambos jantar ás nove e meia, entrámos em uma conversa casual. A certa altura elle perguntou-me se eu escrevia. Respondi que sim. Fallei-lhe da revista Orpheu, que havia pouco apparecera. Elle elogiou-a, elogiou-a bastante, e eu então pasmei de veras. Permitti-me observar-lhe que estranhava, porque a arte dos que escrevem em Orpheu soe ser para poucos. Elle disse-me que talvez fôsse dos poucos. De resto, accrescentou, essa arte não lhe trouxera propriamente novidade: e timidamente observou que, não tendo para onde ir nem que fazer, nem amigos que visitasse, nem interesse em ler livros, soia gastar as suas noites, no seu quarto alugado, escrevendo tambem ¹

Pref[acio]

P2
[1917?]

O meu conhecimento com V[icente] Guedes formou-se de um modo inteiramente casual. Encontravamo-nos muitas vezes no mesmo restaurante retirado e barato. Conheciamo-nos de vista; descahimos, naturalmente, no cumprimento silencioso. Uma vez, que nos encontrámos á mesma meza, tendo o acaso proporcionado que trocassemos duas phrases, a conversa seguiu-se. Passámos a encontrarmo-nos alli todos os dias, ao almoço e ao jantar. Por vezes sahiamos juntos, depois do jantar, e passeavamos um pouco, conversando.

V[icente] G[uedes] supportava aquella vida nulla com uma indifferença de mestre. Um stoicismo de fraco alicerçava toda a sua attitude mental.

A constituição do seu spirito condemnava-o a todas as ansias; a do seu destino a abandona-las a todas. Nunca encontrei alma de quem pasmasse tanto. Sem ser por um ascetismo qualquer, este homem abdicára de todos os fins, a que a sua natureza o havia destinado. Naturalmente constituido para a ambição, gozava lentamente o não ter ambições nenhuma.

O homem magro sorriu desleixadamente. Olhou-me com uma desconfiança que não era malevola. Depois sorriu novamente, mas com tristeza. Baixou depois outra vez os olhos sobre o prato. Continuou jantando em silencio e absorpção.

P3
[18-9-1917]

Elle mobilára — é impossivel que não fôsse á custa de algumas cousas essenciaes — com um certo e approximado luxo os seus dois quartos^a. Cuidára especialmente das cadeiras — de braços, fundas, molles —, dos reposteiros e dos tapetes. Dizia elle que assim se creára um interior “para manter a dignidade do tedio”. No quarto á moderna o tedio torna-se desconforto, magoa physica.

Nada o obrigára nunca a fazer nada. Em creança passára isoladamente. Aconteceu que nunca passou por nenhum agrupamento. Nunca frequentára um curso. Não pertencera nunca a uma multidão. Dera-se com elle o curioso phenomeno que com tantos — quem sabe, vendo bem, se com todos? — se dá, de as circumstancias occasionaes da sua vida se terem talhado á imagem e semelhança da direcção dos seus instinctos, de inercia todos, e de affastamento.

Nunca teve de se defrontar com as exigencias do estado ou da sociedade. Ás proprias exigencias dos seus instinctos elle se furtou. Nada o approximou nunca nem de amigos nem de amantes. Fui o unico que, de alguma maneira, estive na intimidade d'elle. Mas — a par de ter vivido sempre com uma falsa personalidade sua, e de suspeitar que nunca elle me teve realmente por amigo — percebi sempre que elle alguém havia de chamar a si para lhe deixar o livro que deixou. Agrada-me pensar que, ainda que ao principio isto me doesse, quando o notei, por fim vendo tudo atravez do unico criterio digno de um psychologo, que fiquei do mesmo modo amigo d'elle e dedicado ao fim para que elle me approximou de si — a publicação d'este seu livro.

a Dois quartos, ou só um quarto num «4o andar da Baixa» (cf. 152).

Até n'isto — é curioso descobril-o — as circumstancias, pondo ante elle quem, do meu character, lhe pudesse servir, lhe fôram favoraveis.

... este livro suave.

É quanto resta e restará d'uma das almas mais subteis na inercia, mais debochadas no puro sonho que teem visto este mundo. Nunca — eu o creio — houve creatura por fóra humana que mais complexamente vivesse a sua consciencia de si-propria. Dandy no espirito, passeou a arte de sonhar atravez do acaso de existir.

Este livro é a autobiographia de quem nunca existiu¹.

De V[icente] G[uedes] não se sabe nem quem era, nem o que fazia, nem ◊

Este livro não é d'elle: é elle. Mas lembremo-nos sempre de que, por detraz de tudo quanto aqui está dito, colleia na sombra, mysterioso, ◊

Para V[icente] G[uedes] ter consciencia de si foi uma arte e uma moral; sonhar foi uma religião.

Elle creou definitivamente a aristocracia interior, aquella attitude de alma que mais se parece com a propria attitude de corpo de um aristocrata completo.

L. do D - Prefacio

7-21

Elle mobilára - e' impossível que não fôr a' custa de algumas cousas essenciais - com um custo' approximado lizo os seus dois quartos. Cuidará especialmente das cobertas - de lençol, fundas, nublés - de repinturas e de tapetes. Dizia elle que osseu se criará um intimo "para manter a dignidade do leito". No quarto a' moda e o tedio torna-se desconfiança, magoa physica.



Nada o dirigirá nunca a fazer nada. Tu creança porára inutilmente. Am- ticeu que nunca porára por nenhuma oporunidade. Nunca frequentará um curso. Não pertença a um curso a multidão. Dera - e com elle o curso porem não que

2/
com tanto - quem sabe, e como vem, se com todos? - e da', de as circunstâncias essenciais da sua vida se terem talhada a' magin e lembrança do destino do, seu instrumto, de vivera todos, e de af- fortamento.

Nunca teve de se defun- tar com as sajeccas do es- tado ou da sociedade. As proprias sajeccas e os seus instrumtos elle se pertem. Nada o approximou nunca nem de amigos nem de amantes. Foi o unico que, de alguma maneira, estive na intencidade d'elle. Mas - a por de ter sido sempre com uma falsa personalidade, e de suspiros que nunca elle se tentou valer por argu- perubi sempre que elle algum- hora de chamar a si para

NOTAS BIOGRÁFICAS



O AUTOR

Fernando Pessoa (1888-1935) é hoje o principal elo literário de Portugal com o mundo. A sua obra em verso e em prosa é a mais plural que se possa imaginar, pois tem múltiplas facetas, materializa inúmeros interesses e representa um autêntico património colectivo: do autor, das diversas figuras autorais inventadas por ele e dos leitores. Algumas dessas personagens, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, Pessoa denominou

«heterónimos», reservando a designação de «ortónimo» para si próprio. Director e colaborador de várias revistas literárias, autor do *Livro do Desassossego* e, no dia-a-dia, «correspondente estrangeiro em casas comerciais», Pessoa deixou uma obra universal em três línguas que continua a ser editada e estudada desde que escreveu, antes de morrer, em Lisboa, «I know not what to-morrow will bring» [«Não sei o que o amanhã trará»].

O EDITOR

Professor, tradutor, crítico e editor, Jerónimo Pizarro é o responsável pela maior parte das novas edições e novas séries de textos de Fernando Pessoa publicadas em Portugal desde 2006. Professor da Universidade dos Andes, titular da Cátedra de Estudos Portugueses do Instituto Camões na Colômbia

e Prémio Eduardo Lourenço (2013), Pizarro voltou a abrir as arcas pessoais e redescobriu «A Biblioteca Particular de Fernando Pessoa», para utilizar o título de um dos livros da sua bibliografia. Co-editor da revista *Pessoa Plural*, actualmente dirige as colecções pessoais da Tinta-da-china.



**LIVRO DO
DESASSOSSEGO**

FOI COMPOSTO EM CARACTERES FILOSOFIA
E VERLAG, E IMPRESSO NA GUIDE, ARTES GRÁFICAS,
SOBRE PAPEL CORAL BOOK DE 90 G/M²,
NO MÊS DE SETEMBRO DE 2013.